Síntese: Revista de Filosofia adere a uma Licença
Não comercial 4.0 Internacional - Creative Commons

DOI: 10.20911/21769389v49n153p87/2022

OBEDIÊNCIA EM SIMONE WEIL
INTRODUÇÃO À *MEDITAÇÃO SOBRE A OBEDIÊNCIA E A LIBERDADE**

Obedience in Simone Weil – Introduction to Meditation on obedience and freedom

Emilia M. De Morais**

Resumo: **Este artigo aborda a questão da obediência em Simone Weil, em suas acepções negativas e positivas, como um estudo introdutório à "Meditação sobre a obediência e a liberdade", texto redigido em 1937, e concebido a partir do escrito de Étienne de La Boétie, "Discours de la servitude volontaire ou le Contre'un", publicado em 1576. Levando em conta que, em seu esboço de artigo, Simone Weil passa ao largo do tema da liberdade para tratar da obediência a um governo tirânico, propomos estender a compreensão da obediência, em seus vários domínios: nas relações de trabalho, nas organizações sociais, nas leis, tanto cívicas quanto naturais e, por fim, na perspectiva religiosa da filósofa, herdeira do platonismo e do legado crístico. Finalizamos com a exigência da ação engajada no pensamento político de Simone Weil. Após esta introdução, apresentamos uma tradução inédita e anotada de "Meditação sobre a obediência e a liberdade".**

Palavras-chave: **La Boétie. Opressão. Liberdade. Obediência. Legitimidade, necessidade, gravidade e mediação.**

Abstract: **This article addresses the matter of obedience in Simone Weil's work, both in its negative and positive connotations. As such, this is an introductory study to "Meditation on obedience and freedom", text written in 1937 and**

* Artigo recebido em 28/07/2021 e aprovado para publicação em 13/12/2021.
** Profa. aposentada do Departamento de Filosofia da UFPB.

conceived from the writing of Étienne de La Boétie, "Discours de la servitude volontaire or le Contre'un", which was published in 1576. Taking into account that, in her draft article, Simone Weil ignores the theme of freedom to deal with obedience to a tyrannical government, we propose to extend the understanding of obedience, in its various domains: in labor relations, in social organizations, in laws, both civic and natural, and, finally, in the religious perspective of the philosopher, heir to Platonism and the Christic legacy. We conclude with the demand for action based on the political thought of Simone Weil. After this introduction, we present an unprecedented and annotated translation of "Meditation on obedience and freedom".

Keywords: **La Boétie. Oppression. Liberty. Obedience. Legitimacy, necessity, gravity and mediation.**

L'inteligence de la nécessité est une imitation de la création
*(*Simone Weil, *Cahiers, VI, 3, p. 179)*

Introdução: A obediência entre os homens, relacionada à natureza e ao divino

Nesta Introdução à *Meditação sobre a obediência e a liberdade*, breves e luminosas páginas escritas por Simone Weil no inverno de 1937-1938, detenho-me um pouco mais na noção de obediência que foi desenvolvida pela autora ao longo de sua obra. Obediência e liberdade são termos que, em seu pensamento, ora se contrapõem, ora se justapõem em seu esboço de artigo, Simone Weil silencia sobre o tema da liberdade e concentra a sua atenção na questão da obediência. Se a liberdade tem sempre um valor positivo em suas reflexões, nem sempre a obediência tem um valor negativo ou, seja, seu valor negativo decorre sobretudo das organizações sociais opressivas. Em 1943, durante sua estadia em Londres, ela notou: "Mil signos mostram que os homens de nossa época estavam há muito tempo famintos de obediência. Mas tirou-se proveito disso para lhes dar escravidão"[1].

Em nosso mundo atual de impotentes sublevações populares há que se, ao menos, perguntar, a partir de Guy Debord: "Eis como se inflamou, pouco a pouco, uma nova época de incêndios, da qual nenhum daqueles que vivem neste momento verá o fim: a obediência está morta"[2]?

Inspirada pelo *Discurso da servidão voluntária* de Étienne de la Boétie, Simone Weil responderia: apenas de vez em quando, a obediência servil morre no

[1] *Oeuvres Complètes* (cit. O. C.), V, t. 2, L'Enracinement. Paris: Gallimard, 2013, p. 121.
[2] DEBORD, Guy, *In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni*, *Œuvres cinématographiques complètes*. Paris: Éditions Champ libre, 1978, p. 242.

meio dos homens; de vez em quando, os homens a desafiam por ações coletivas de resistência que podem irromper de modo espontâneo, sem a coordenação de qualquer liderança. Essa desobediência civil, todavia, por mais intensa que seja, nunca ocorre para durar. Nas relações sociais, a força do menor número sobre o maior, a médio e longo prazos, termina sempre prevalecendo.

A obediência que subordina o maior número de pessoas ao tirano, ao algoz ou ao menor número, numa espécie de inversão das relações matemáticas e, sobretudo, quando os riscos que se corre ao obedecer podem ser iguais aos de desobedecer ou até maiores, é o que sempre traz perplexidade a quem observa os fenômenos sociais. Todavia, não me deterei nessa questão que Simone Weil aborda com clareza e lucidez exemplares.

Em sua obra, a obediência não é apenas relacionada à opressão; em *O Enraizamento*, seu testamento político, escrito em 1943, Simone Weil classifica a obediência, como uma das quatorze necessidades da alma, correlatas às necessidades vitais do corpo:

> Obediência é uma necessidade vital da alma humana. É de dois tipos: obediência às regras estabelecidas e obediência aos seres humanos considerados chefes. Ela pressupõe o consentimento, não em relação a cada uma das ordens recebidas, mas um consentimento dado de uma vez por todas, com a única exceção, se for o caso, das objeções da consciência[3].

Aqui já não se trata de coerção, mas de consentimento às prescrições do governo ou das leis instituídas; já não se trata de um tirano, mas de uma liderança que seja sobretudo um *símbolo* de uma organização social orientada para a justiça, na medida em que representa o poder social legítimo e impessoal. Dessa obediência às leis ou a quem se posiciona como seu guardião, o único juiz será a consciência de cada um. Para S. Weil, entretanto, o significado do substantivo obediência se estende para muito além da política; por isso cabe um recorte de suas acepções basilares, das quais apontaremos apenas algumas breves pistas para posterior aprofundamento:

1) obediência, enquanto sujeição impotente ao arbítrio
   a - nas relações de trabalho
   b - nas formações sociais

2) obediência enquanto reconhecimento da necessidade:
   a - no âmbito das leis sociais
   b - no domínio das leis naturais

3) obediência enquanto adesão voluntária às ordenações divinas.

---

[3] WEIL, S. L'Enracinement, (*Ed. Cit*.) p. 120. As necessidades da alma, na sequência inscrita nesse último escrito político de S. Weil, são: Ordem, Liberdade, Obediência, Responsabilidade, Igualdade, Hierarquia, Honra, Castigo, Liberdade de Opinião, Segurança, Risco, Propriedade Privada, Propriedade Coletiva e Verdade.

1. A opressão fabril

Nas relações de trabalho, a partir de sua experiência como metalúrgica, Simone Weil pensa a obediência enquanto subordinação opressiva peculiar ao trabalho industrial. É a vida demarcada pelo tempo presente, reduzindo a atenção ao instante de um mesmo gesto, repetido à exaustão, pressão à qual todo quase operário, na cadeia de produção, precisa se submeter para se ater a um ritmo, a uma aceleração mecânica vigiada por um contramestre na fábrica; a fadiga ao final do dia leva à exaustão porque, por horas sucessivas, a atenção se restringe aos movimentos acelerados e imediatos; só assim, ela mesma como metalúrgica, entre 1934-1935, conseguiu cumprir as tarefas que lhe foram designadas, na Alsthom e na Renault, pois qualquer distração atrapalharia o resultado da produção. Um trecho de seu depoimento em carta a Auguste Detoef, escrita em 1936:

> A obediência tal como a pratiquei, se define pelas seguintes características. Em primeiro lugar, reduz o tempo à dimensão de alguns segundos. O que define em cada ser humano a relação entre o corpo e o espírito, a saber, que o corpo vive no momento presente, e que o espírito domina, percorre e orienta o tempo, foi isso que definiu nessa época a minha relação com meus chefes. Tinha de limitar constantemente minha atenção ao gesto que estava executando. Não tive de coordená-lo com outros, mas apenas de repeti-lo até o minuto em que uma ordem vinha me impor um outro[4].

2. A opressão social

Nas formações sociais históricas, afora os dois regimes regidos por um partido único, na primeira metade do século XX (Rússia e Alemanha), que Simone Weil focaliza em sua Meditação, alguns outros casos de obediência civil, como condição servil, são referidos ao longo de sua obra. Em todos há uma mesma marca distintiva: ausência de qualquer ordenação social legítima e prevalência de leis arbitrárias, em suma, da força bruta dos governantes sobre os governados.

Dois casos exemplares.

Em 197 a. C., depois da derrota de Filipe V (o primeiro dentre os reis macedônios que lutou contra Roma), as cidades gregas recém conquistadas foram forçadas a relegar as suas próprias leis para se submeterem ao Estado centralizado do império; os cidadãos helênicos, que ainda tentaram

[4] WEIL, S. *OEuvres Completes* IV. Paris: Gallimard, 1999, p. 174.

resistir, sofreram intensa repressão sob o comando de Calícrates, deputado dos aqueus junto ao senado romano, personagem que Simone Weil, julgava ser um predecessor de Arthur Seyss-Inquart, o chanceler nazista australiano, articulador da Anschluss, em 1938[5].

A pensadora ainda se reporta à França sob Richelieu e Luis XIV, na primeira metade do século XVII. O que importa registrar aqui: em geral, a tirania é menos associada a grupos e mais relacionada a governantes ou a nomes particulares. Se, em seu próprio tempo, Simone Weil se defrontou com Hitler e Stalin, não deixou de reconhecer: o embrião dessas tiranias estaria na França mesma, ou seja, no Estado moderno que se iniciou sob o absolutismo de Luis XIII e Richelieu, se estendeu a Luis XIV e continuou com Napoleão:

> O Estado assim concebido, inventado, por assim dizer, por Richelieu, conduzido a um ponto superior de perfeição por Luís XIV, a um ponto ainda mais elevado pela Revolução, e depois por Napoleão, encontrou hoje sua forma suprema na Alemanha. No presente isso nos horroriza, e esse horror é justo; não nos esqueçamos, no entanto, que ele veio de nós[6].

Assim, a todo tirano, a seu modo, tempo e locus, poderia ser aplicada a fórmula de Luis XIV: *O Estado sou Eu!* A obediência mais ou menos passiva dos governados da qual se trata aqui é regida pelo medo e sempre involuntária porquanto decorrente da coerção.

3. A inspiração occitana, ecos do pitagorismo...

Na ordem social legítima até poderia ocorrer a subordinação a um chefe mas tão somente na medida em que esse governante simbolizasse "la sainte majesté des lois", antes da ascensão de Richelieu, segundo os versos de Théophile de Viau, escritos no século XVII,[7]. Nesse caso, a adesão a um "justo rei" seria plenamente voluntária. Ao examinar, em 1943, "Em que consiste a inspiração occitana", um dos seus últimos escritos, Simone Weil recua, além da França medieval, até os antigos pitagóricos para abordar a obediência cívica, não apenas como um valor positivo, mas, além disso, como um valor sagrado entre os homens.

> Os pitagóricos diziam que a harmonia ou a proporção é a unidade dos contrários enquanto contrários. Não há harmonia onde se faz violência

[5] WEIL, S. *O. C. II, 3*, Écrits historiques et politiques, 1989, p. 188.
[6] *Ibid*., p. 171.
[7] WEIL, S. *O. C.* IV, 2, 1991, Écrits de Marseille, 2019, p. 422. O poema ao qual Simone Weil se refere é *Requête de Théophile au Roi* e pode ser lido aqui: https://paroles2chansons.lemonde.fr/auteur-theophile-de-viau/poeme-requete-de-theophile-au-roi.html.

> aos contrários para reuni-los; nem há harmonia onde se os mistura; é preciso encontrar o ponto da sua unidade. (...) Nesse país, a vida pública também procedeu a partir do mesmo espírito. [Ele amava a liberdade. Ele não amava menos a obediência]. A unidade desses dois contrários é a harmonia pitagórica na sociedade. Mas não pode haver harmonia senão entre as coisas puras[8].

Assim, somos chamados ao terreno da geometria (harmonia, proporção, ponto de equilíbrio e união) para pensar a política. Aqui não há um oposto a ser superado muito menos a ser descartado, mas tão somente dois termos em que um é a contra-face do outro e, por isso mesmo, devem se manter necessariamente unidos: o amor à liberdade, então, se configura como amor à própria obediência e a recíproca não será menos verdadeira. Toda ordem social onde não mais imperassem a força e a coerção só poderia ser aquela onde prevalecesse a justiça expressa pela *atenção* às leis[9]. O oposto dessa harmonia, em que obediência e liberdade sempre se equivalem, é a subordinação à coerção do meio social, condicionada pelo que Platão n'*A República* chamava o "grande animal" (*thrematos megalou kai iskhurou*), ou seja, qualquer submissão, a um governante ou a um grupo de homens, não legitimada pela coesão social sob o amparo da legitimidade[10]. Assim, a possibilidade de junção dos contrários que não devem ser separados (obediência e liberdade) remonta, por princípio e definição, à dialética platônica. Nos fragmentos esboçados nesse mesmo ano, quando Simone Weil veio a falecer, os dois termos de uma real contradição, tal como Platão bem teria compreendido, seriam tão indissociáveis como as duas hastes de uma *pinça* cujo vértice pertenceria ao domínio da contemplação teorética – voltaremos mais adiante a essa metáfora[11].

> A pureza na vida pública é a eliminação, levada tão longe quanto possível, de tudo o que é força, ou seja, de tudo o que é coletivo, de tudo o que provém da besta social, como Platão a chamava. Só a besta social tem força. Ela a exerce como multidão ou a deposita em homens ou em um homem. Mas a lei enquanto tal não tem força; é apenas um texto escrito, o único amparo da liberdade. O espírito cívico conforme a esse ideal grego do qual Sócrates foi um mártir é perfeitamente puro. Um homem, seja ele quem for, considerado simplesmente como um homem, é também inteiramente desprovido de força. Se ele é obedecido nessa qualidade, a obediência é perfeitamente pura[12].

---

[8] *Ibid*., p. 421-422.
[9] *Ibid*., p. 422 Sobre a estreita relação entre as concepções de obediência e atenção, v. WINCH, P. *Simone Weil —The Just Balance*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003, p. 11-12.
[10] PLATÃO, *República*, VI, 493c.
[11] WEIL, S. Écrits de New York et de Londres, in*: O. C*. V, 1, 2019, p. 310.
[12] WEIL, S. *O. C*. IV, 2, Écrits de Marseille, 2009, p. 422.

A concepção de pureza implícita nesse breve ensaio é por inteiro devedora do ideário cátaro (*katharos*) que impregnou o sul da França entre os séculos XI e XIII; herdeira dos que erigiram uma sociedade cristã resiliente e alternativa, pois os cátaros foram os *desobedientes*, ao menos em relação à Igreja de Roma. Essa inspiração política e espiritual occitana, relembrada nos versos de Théophile de Vau evocando, no início do século XVII, a santidade das leis, não tardou a desaparecer pela reconstrução política que instaurou a subordinação ao Estado centralizador, suprimindo "tudo o que não era Paris", numa França já bem distante da ordenação cívica legada pelo catarismo. Apenas no poema tardio de T. de Vau, subsistia a noção de obediência inspirada no espírito do sagrado.

Não que a história concreta fosse exemplar, em qualquer tempo ou lugar, mas há momentos particulares nos quais alguns homens ainda não perderam a compreensão do que seja a ordem social legítima, sob a égide da justiça – caso comparável ao dos atenienses do séc. V a.C. que, segundo o relato de Tucídides, apesar de terem massacrados os melianos, tinham plena consciência do uso excessivo da força que faziam[13].

> Mas quando Richelieu, em sua obra de unificação, matou na França tudo o que não era Paris, esse espírito desapareceu completamente. Luís XIV impunha a seus súditos uma submissão que não merece o belo nome de obediência. Na Toulouse do início do século XIII, a vida social foi sem dúvida maculada, como em todo lugar e sempre. Mas pelo menos a inspiração, feita unicamente de espírito cívico e obediência, era pura. Naqueles que a atacaram vitoriosamente, a própria inspiração era maculada.[14]

Quando não mais se trata de subordinação ao coletivo ou ao Estado, o significado do nome "obediência" será dignificado, pela reverência às leis da sociedade arquitetada sob o signo da legitimidade, signo a ser ampliado na medida em que se torna uma imagem das leis necessárias que regem o nosso cosmos. A necessidade vem a ser compreendida, então, como exigência que orienta também a ação social humana e define a própria liberdade: "A necessidade não aparece senão como objeto de um pensamento livre. O pensamento livre não aparece senão enquanto pensa a necessidade[15]".

---

[13] WEIL, S. *O. C.* II, 3, Écrits historiques et politiques, 1989, p. 194 *e O. C*, V, 1, 2019, 240. V. TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, livro V, capítulos 85 a 113.
[14] WEIL, S. *O. C.*, IV, 2, Écrits de Marseille, 2009, p. 422.
[15] WEIL, *S. O. C.* I, Premiers écrits philosophiques, 1988, p. 373.

3.1 Implicações cosmológicas

Ao pensar o mundo natural, que se contrapõe a toda desordem humana, Simone Weil se atém principalmente à noção pitagórica de proporção geométrica, aquela com um termo médio unificador dos extremos, tal como Platão explicitou no *Timeu*, em 31b-32 a[16]. Nos passos subsequentes (48a), vemos ainda que a formação do mundo ordenado decorreu de uma mistura combinando *necessidade* (*ananke*) e *pensamento (nous)*, ou seja, o *intelecto* dirigiu a *necessidade*, a forma da *causa errante* (*to tes planomenes eidos aitias*), por uma *sábia persuasão* (*peithous emphronos*). Simone Weil não só resgata esse elo pitagórico-platônico mas também recua ao pensador e matemático que nos legou o fragmento inaugural da filosofia ocidental: "Tales. "Tudo é água", isto é, tudo é obediência"[17].

A "sábia persuasão" do *Timeu* recebe, então, uma outra designação; associada à necessidade que rege as leis deste nosso cosmos, transmuta-se em "obediência", no sentido weiliano da plena passividade do mundo material.

3.2 O divino como modelo e mediação

Aqui já não adianta rondar os textos pelas beiradas; é preciso mergulhar em águas aparentemente turvas, cuja travessia promete ser difícil, para podermos sondar um tipo de especulação, bem distante das turbulências discursivas as quais nos acostumamos, pois se empenha em recriar o que se tornou uma espécie, às avessas, de heresia consensual em nosso meio acadêmico: a relação do homem e, por extensão, do cosmos com o sagrado, ou seja, com o divino! E não se trata de hipóteses a serem submetidas ao crivo da lógica ou da argumentação analítica, como tem feito, por exemplo, Alvin Plantinga[18]. Trata-se do cerne do pensamento

[16] "O mais belo dos elos será aquele que faça a melhor união entre si mesmo e aquilo a que se liga, o que é, por natureza, alcançado da forma mais bela através da proporção. Sempre que de três números, sejam eles inteiros ou em potência, o do meio tenha um carácter tal que o primeiro está para ele como ele está para o último, e, em sentido inverso, o último está para o do meio como o do meio está para o primeiro; o do meio torna-se primeiro e último e o último e o primeiro passam ambos a estar no meio, sendo deste modo obrigatório que se ajustem entre si e, tendo-se assim ajustado uns aos outros entre si, serão todos um só". PLATÃO, *Timeu*, trad. Rodolfo Lopes, Coimbra, CECH, 2011.Por exemplo, na proporção, 8/4 = 4/2, na qual 4 é o termo médio e unificador dos extremos.

[17] WEIL, S. *O. C.* VI, 4, Cahiers, 2006, p. 366.

[18] Pode-se encontrar uma abordagem epistemológica da fé religiosa e cristã em alguns livros de A. Plantinga, publicados entre nós (*Deus, a liberdade e o mal*, Ed. Vida Nova, 2012; *Conhecimento de Deus*, Ed. Vida Nova, 2014; *A ética da crença*, org. Desidério Murcho, Editorial Bizâncio, 2016; *Crença cristã avalizada*, Ed. Vida Nova, 2018; *Conhecimento e crença cristã*, Ed. Monergista, 2018).

de Simone Weil, imbuído de uma inspiração mística, impulso vital que lhe tomava por inteiro, mas, convenhamos, nem por isso demanda nossa crença, requer apenas nossa compreensão. Eis como ela concebia o consentimento no mundo natural:

> Quando se concebe o universo como uma imensa massa de cega obediência salpicada de pontos de consentimento, também concebemos o nosso próprio ser como uma pequena massa de obediência cega com um ponto de consentimento em seu centro. O consentimento é amor sobrenatural, é o Espírito de Deus em nós. A obediência cega é a inércia da matéria, que é perfeitamente representada em nossa imaginação pelo elemento simultaneamente resistente e fluido, ou seja, pela água[19].

O *consentimento perfeito,* no meio humano, se encontrava no modelo da inteira obediência diante da vontade divina do Pai pelo próprio Cristo, como mediador, seja entre Deus e os homens, seja entre Deus e o Universo. Entre Deus e os homens, o amor; entre Deus e o universo, a necessidade: "A necessidade é a obediência da matéria a Deus. Assim, o par de contrários constituído pela necessidade na matéria e liberdade em nós tem a sua unidade na obediência, pois ser livre, para nós, nada mais é do que desejar obedecer a Deus"[20].

Assim, ciência, política e metafísica com um viés religioso se cruzam[21]. Se somos condenados ao engodo ou ao engano opressivos é porque, a rigor, não pode haver liberdade entre os homens se não há a medida mediadora do divino[22]. Decisiva para a compreensão das leis da necessidade que regem o cosmos, a média proporcional geométrica determina tanto a concepção do divino quanto a própria relação do homem para com Deus. Em sua *Carta a um religioso*, Simone Weil propõe uma outra tradução, no prólogo do evangelho de João, para a palavra *Logos* (que a tradição latina compreendeu como Verbo): "Au commencement était la médiation..." [23]

Atenta ao Evangelho de João, ela enxergava a proporção da geometria grega não só na encarnação, mas nas próprias palavras do Cristo:

"Como o Pai me amou, assim eu vos tenho amado" (Jo 15, 9).

"Como o Pai me enviou, assim eu vos envio" (Jo 20, 21).

---

[19] WEIL, S. *O. C.*, IV, 2, Écrits de Marseille, 2009, p. 287.
[20] *Ibid*., p. 280.
[21] Sobre a relação entre ciência e religião em Simone Weil, v. RHEES, R. *Discussions of Simone Weil*, State University of New York Press, Albany, 2000, p. 85-102.
[22] Assim, Simone Weil resgata a resposta de Platão, n'*As Leis* (716c), à norma do homem medida de Protágoras: *a divindade é que deve ser a medida de todas as coisas*.
[23] WEIL, S. *O. C.* V, 1, Écrits de Londres et de NewYork, 2019, p. 189.

Ou ainda: "Deus é mediação, e em si tudo é mediação divina. Analogamente, para o pensamento humano, tudo é relação – logos. A proporção é a mediação divina. A mediação divina é Deus: "Tudo é número"[24].

Simone Weil concluiu assim a sua carta ao Pe. Couturier, em 1942: "O quanto nossa vida mudaria se se percebesse que a geometria grega e a fé cristã jorraram da mesma fonte."[25]

O matemático Laurent Laforgue se debruçou sobre os textos de Simone Weil que abordam a relação entre matemática e obediência[26]. Ele chama a nossa atenção tanto para a importância do tema, numa pensadora que se mostrou refratária a ceder a toda autoridade, quanto ao caráter inusual da palavra para exprimir relações matemáticas. Haveria, por assim dizer, uma sequência de obediências a Deus desvelada através do exercício de pensar: desde os entes matemáticos subordinados às necessárias leis da lógica, até a própria natureza submetida às leis da matemática[27].

A chave com que Simone Weil nos abre a porta da compreensão dos diálogos platônicos é a mesma para a leitura dos seus próprios escritos:

> As duas coisas essenciais da dialética platónica: a contradição e a analogia. Ambas são meios de sair do ponto de vista. Se a contradição é o que arranca, puxa a alma para a luz, a contemplação dos primeiros princípios (hipóteses) da geometria e ciências conexas deve ser uma contemplação das suas contradições. (...) Só o bem é sem contradição, mas ofuscante. A mente só pode descansar a sua visão sobre a contradição iluminada pelo bem.[28].

Jean-Luc Perrillié exemplifica como a analogia se transforma em contemplação dialética quando, por um mesmo termo médio, unifica os contrários. A partir dos termos da Trindade cristã, Perrillié nos propõe esta proporção: "Assim, dir-se-á que, segundo a analogia, o homem é para Cristo o que Cristo é para Deus: mortal / mortal-imortal = mortal-imortal / imortal" [29].

Simone Weil sugere como esse mesmo esquema proporcional pode ser extraído diretamente de Platão, quando cita a passagem 202e do *Banquete*: "O amor é um intermediário (*metaxy*) entre o que é mortal e o que é

---

[24] WEIL, S. *O. C.* VI, 3, 2002, Cahiers, p. 404. Cfr. Écrits de Marseille, in: O. C. IV, 2, 2009, p. 254 e Écrits de New York et de Londres, in: *O. C.* V, 1, 2019, p.167.
[25] *Ibid*., p. 197.
[26] LAFORGUE, L. Simone Weil et la mathématique, Paris, Bibliothèque nationale de France, 2009. https://www.laurentlafforgue.org/textes/SimoneWeilMathematique.pdf
[27] *Ibid*., p. 7.
[28] WEIL, S. *O. C.* VI, 1, *Cahiers,* 1994, p. 307.
[29] PERRILLIÉ, Jean-Luc. Simone Weil. Dieu dans la contemplation de la contradiction, in: *Die Tradition der negativen Theologie in der deutschen und französischen Philosophie*, Heidelberg, Universitätsverlag Winter, 2018, p. 192.

imortal... É um grande '*daimon*'". Então, teríamos: mortal / Amor (*Eros*) = Amor (*Eros*) / imortal.

Retornando à metáfora das duas hastes indissociáveis, afinal, torna-se possível interrogar: o vértice das hastes de uma pinça, para o qual deve se dirigir a contemplação, estaria mesmo num ponto extremo? Invertendo o âmbito da percepção sensível, esse vértice não poderia ser o termo médio da analogia?

Na geometria, a contradição, enquanto *diction des contraires*[30], segundo a feliz expressão de Perrillié, o grande desafio para a antiguidade grega foi a descoberta dos números irracionais, ou seja, da contradição nos próprios termos, *logoi alogoi*, segundo a denominação de André Weil. No plano do pensamento discursivo, em qualquer tempo ou lugar e, em particular, na compreensão das relações sociais e políticas, embora à margem de todas as demonstrações matemáticas ou das hipóteses preliminares, o que nos afasta do exame das conclusões incompatíveis, ou de uma contradição necessária e irredutível, nos aproxima do engano. Lembra-nos ainda Perrillié: "diferente de Aristóteles e à margem de toda e qualquer análise ou do discurso predicativo que rechaça o contraditório simultâneo, como uma trava ao raciocínio, Platão assume positivamente a contradição como meio de desdobrar o pensamento"[31].

3.3 Justiça e amor

Seguindo ainda na cadeia das obediências temos, sempre do lado inverso da força, a obediência às leis da pólis. Tudo o que assim, escapa do domínio da força e impulsiona à justiça pelo consentimento nos transporta ao amor. Simone Weil resgata essa dimensão amorosa da política evocando as palavras que ela julgava formarem, talvez, as mais belas linhas escritas por Platão. Trata-se de uma passagem do discurso do poeta Agatão, no *Banquete*, na qual ela ressalta a palavra grega *ekon* que traduziu por consentimento:

> O mais importante é que o Amor não comete nem sofre injustiça, nem entre os deuses nem entre os homens. Pois ele não sofre pela força, quando lhe ocorre sofrer, pois a força não atinge o Amor. E quando age, não age pela força, pois todos concordam em obedecer em tudo ao Amor. O acordo que se faz por mútuo consentimento é justo, conforme as leis da "cidade real" (196c).

---

[30] *Ibid*., p. 184.

[31] *Ibid*., p. 184-186. Quanto à Aristóteles: *Entre os dois opostos da contradição, não há um termo intermediário, com efeito, a contradição consiste numa oposição na qual um ou outro dos dois membros deve necessariamente estar presente em alguma coisa, sem que haja qualquer termo intermédio*. (ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 7, 1057a,33ss, trad. de Henrique C. de Lima Vaz e Marcelo Perine.

Distantes dessa "cidade real" onde as leis seriam, de fato, *rainhas* e, pensando a contradição no âmbito da política, propomos um exemplo de duas verdades aparentemente incompatíveis embora uma não possa suprimir a outra:

- Não há injustiça sem obediência;
- Não há justiça sem obediência.

Nas duas sentenças a obediência tem significados opostos. Na primeira, está associada à impotência ou ao vício, numa palavra, à submissão. Na segunda, está associada à potência da virtude, ou seja, à observância de princípios associados ao bem comum. Como ultrapassar essa contradição, no significado de um mesmo substantivo, senão projetando-o ao senso de proporção? No plano da ação humana, tudo o que em nossa vida não se impõe como necessidade e medida, se afasta tanto da justiça quanto da atenção às injunções éticas ou, em primeira e última instâncias, divinas. A medida primordial é a obediência a Deus e sua imagem suprema é o sacrifício da própria vontade até o holocausto voluntário, segundo o exemplo de Cristo, o filho mediador[32] – a média geométrica que reúne os termos extremos conforme o *Timeu*, simboliza a união dos opostos, Deus (Pai) e o ser humano (Filho). "É justo quem se torna para com o Filho, como o Filho é para com seu Pai."[33].

As imagens tanto do pastor quanto do cordeiro, imagens da contradição divina incarnada e, por isso mesmo, dissolvida, são recorrentes nos seus *Cahiers*. Lembremos das atribuições complementares do Filho mediador, presentes no evangelho de João, expressas por palavras e condições antagônicas apenas em sua aparência: "Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida por suas ovelhas..." (10, 11); "Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo..." (1, 29).

> Há uma contradição no ofício do pastor. Essa contradição deve ter sido um dos primeiros e mais intensos temas de reflexão. Encontra-se um eco disso no início da República. Apolo era um pastor. Foi ele o primeiro? Abel era um pastor. Pan é o deus dos pastores. Os pastores são avisados do nascimento de Cristo. Ele é o Pastor e, ao mesmo tempo, o Cordeiro[34].

Diante das contradições aparentemente insuperáveis da ação, no plano da política, pode-se pensar, então, que a combatente da guerra espanhola, a militante juvenil engajada nos meios sindicais estaria nos propondo resignação e recolhimento, mas nunca foi o caso. Refletindo sobre a guerra, em

---

[32] Cfr. Sobre Jesus, o mediador de uma nova aliança, v. Epístola aos Hebreus, 9,15 e 12,24.
[33] *"Est juste quiconque devient au Fils de Dieu, comme le Fils est à son Père"* (WEIL, S. *O. C.* IV, 2, Écrits de Marseille, 2009, p. 256).
[34] WEIL, S. *O. C.* VI, 4, *Cahiers*, 2006, p. 291. Simone Weil faz alusão à discussão entre Sócrates e Trasímaco no livro I d'*A República*, mais precisamente, aos passos, 343b e segs.

Londres, nos últimos meses de sua breve vida, Simone Weil ainda abordava a questão: "Lutamos pela justiça?" Frente aos regimes centralizados e sustentados pela força (nazismo e stalinismo), a palavra chave para a sua resposta não evoca a rebelião, nem a revolução: é a própria obediência! Se todo o cosmos é obediência da matéria passiva às leis da necessidade, o mundo humano haveria de espelhar essa obediência.

Essa virtude cristã, por princípio, é transposta do plano espiritual para o teológico, o cósmico e o antropológico-político, por uma sequência de abdicações. Primordialmente, teria havido o retraimento do próprio Deus quando legou o cosmos às leis da necessidade. A noção de *décréation* subjaz a essa hipótese: ao criar o mundo Deus teria renunciado a dominá-lo. Em segundo lugar, haveria a abdicação própria à fé crística:

> Estando na condição de Deus, ele não encarou a igualdade com Deus como um espólio. Ele se esvaziou. Ele assumiu a condição de escravo. Ele se rebaixou ao ponto de se fazer obediente até à morte. Embora Ele fosse o Filho, o que Ele sofreu ensinou obediência.[35]

Essa igualdade ontológica, entre o Pai e o Filho, esvaziado de si mesmo, e mediada pelo Espírito, seria a tradução teológica da média proporcional pitagórica. A obediência do Cristo ao Pai, o consentimento ao holocausto, é a medida geométrica transmutada em amor desmedido; é ainda apelo exemplar para a própria obediência dos homens. Ao abraçarmos a necessidade, seja por atenção às leis da natureza, seja como norma reguladora em nossas próprias vidas, imitamos a abdicação de Deus.

A identificação que se segue, entre o amor divino e a loucura, pode nos parecer estranha mas não deveria; afinal, podemos compreendê-la como uma recriação espiritual da loucura erótica defendida por Platão, no *Fedro*[36]!

> A loucura do amor, quando se apoderou de um ser humano, transforma completamente as modalidades de ação e de pensamento. Ela está relacionada à loucura de Deus. A loucura de Deus consiste em necessitar do livre consentimento dos homens. Homens loucos de amor por seus semelhantes sofrem ao pensar que em todo o mundo os seres humanos servem de intermediários para a vontade de outros sem terem consentido[37].

Assim, a herança pitagórico-platônica se arremata com o Novo Testamento: a principal virtude política, a *justiça*, dentre as quatro definidas no livro IV d'*A República*, e a principal virtude teologal cristã, a *caridade*, dentre as

[35] WEIL, S. *O. C.* V, 1, Écrits de Londres et de New York, 2019, p. 242.
[36] PLATÃO, *Fedro*, 245a-c.
[37] WEIL. S. *O. C.* V, 1, Écrits de Londres et de New York, 2019, p. 243.

três inscritas na 1ª Epístola aos Coríntios[38], sem a qual tudo perde sentido e valor, se unificam na ação política que se impõe como necessária – é o sentido da fraternidade nos princípios de 1789:

> Os homens atingidos pela loucura do amor precisam ver a faculdade do livre consentimento florescer em todo o mundo, em todas as formas de vida humana, em todos os seres humanos. (...)
>
> Na medida em que, a um momento qualquer, encontra-se a loucura de amor entre os homens, nessa medida há a possibilidade de mudança no sentido da justiça, e não mais[39].

Há aqui uma via de mão dupla, com todos os riscos próprios ao arcaísmo: pode-se dizer que Simone Weil não só platoniza os evangelhos, mas, por uma leitura reversa, ela também cristianiza os diálogos platônicos, na medida em que a justiça (*dikaiosyne*) se integra à caridade (*agape*).

> A justiça tem como objeto o exercício terreno da faculdade do consentimento. Preservá-lo religiosamente onde quer que ele exista, tentar fazer aparecer as suas condições onde elas faltam, é amar a justiça. A palavra única e tão bela de justiça encerra todo o significado das três palavras da divisa francesa. A liberdade é a possibilidade real de dar um consentimento. Os homens precisam de igualdade tão somente em relação a ela. O espírito de fraternidade consiste em desejá-la a todos[40].

As verdades aparentemente incompatíveis das duas proposições supracitadas devem ser compreendidas, não tanto pela denotação da palavra "obediência", como considerando as suas conotações opostas: cumprir uma ordem particular ou de outrem pela força ou, senão, cumprir uma determinação impessoal e, por isso mesmo, passível de ser universalizada. Nesse segundo sentido, como asseverou Rousseau: "cada um se unindo a todos, não obedece senão a si mesmo"[41].

Podemos, assim, mais e melhor apreender o significado do substantivo "obediência" nas duas proposições supracitadas:

- Não há injustiça sem obediência (por *coerção*);
- Não há justiça sem obediência (por *consentimento*).

No domínio específico das relações políticas, Simone Weil esclarece que esse consentimento seria uma decorrência natural da atenção ao outro; caberia a todo bom legislador criar condições para que essa interação

---

[38] São as seguintes as 4 virtudes definidas por Platão, ao longo do livro IV d'*A República*: temperança (*sophrosyne*), coragem (andreia), prudência (*phronesis*) e justiça (*dikaiosyne*). V. Epístola aos Coríntios 1,13.
[39] *Id.*, *Ibid*., p. 244.
[40] *Id.*, *Ibid*. p. 244-245.
[41] ROUSSEAU, J.-J. *Du Contrat Social*, I, 6.

possibilitasse o reconhecimento das leis necessárias ao estabelecimento da justiça. Pensar em si mesmo, na primeira pessoa, porém acolhendo o outro que também pensa em si mesmo na primeira pessoa.

> É quando dois seres humanos se encontram em circunstâncias tais que nenhum deles está sujeito ao outro ou nenhuma espécie de força e que cada um precisa em igual medida do consentimento do outro. Cada um então, sem deixar de pensar na primeira pessoa, compreende realmente que o outro pensa também na primeira pessoa. A justiça se produz assim como um fenómeno natural. O esforço do legislador deve ser orientado para tornar estas oportunidades tão numerosas quanto possível[42].

Assim, não podemos esquecer: é a Fraternidade que nos direciona à Igualdade que confere legitimidade à Liberdade. Afora desse vínculo indissolúvel entre os princípios de 1789, qualquer outra aposta na liberdade não vai além de uma miragem ou de uma mentira. Da aparente amargura ou do ceticismo de S. Weil em sua *Meditação sobre a obediência e a liberdade*, esboço de artigo cuja tradução propomos a seguir, não se deve inferir qualquer passividade ou resignação: nada mais legítimo do que a luta para o estabelecimento da sociedade justa e, nessa luta, a guerra e o uso da força podem se fazer necessárias. Ela não viveu a Guerra no cotidiano confortável em Paris e só não se integrou à luta dentro da França, por ter sido coagida, pela Resistência, a permanecer em Londres.

S. Weil deve ter-se defrontado, sobretudo a partir de 1938, ano em que viveu a sua primeira experiência mística, com a contradição implícita à ação política de todos aqueles que abraçam a fé cristã não só como vocação espiritual, mas também como convocação à luta social em favor dos oprimidos. Lembremos do vaticínio fatal do *Apocalipse*: "Todos os habitantes da terra adorarão a Besta, ou seja, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro, que foi imolado desde a fundação do mundo" (13,8).

Ao evocar, seja o pensamento trágico dos gregos, seja, de modo recorrente, essa passagem do *Apocalipse*, Simone Weil compreendia que, embora o cristianismo não tenha inaugurado o culto através do sacrifício, o próprio Cristo foi o testemunho inaugural de um sacro-ofício voluntário. Ela não alimentava ilusões: o cordeiro continuará a ser imolado até o fim do mundo. Para os que abraçam a fé cristã, o desafio é refletir sobre como conceber a luta política diante da suspensão de toda crédula esperança acerca do reino da justiça neste mundo. Como filósofa, nunca abandonou a sua veia "socrático-platônica", nem situava distante de um signo "platônico" a frase pronunciada pelo Cristo: "Meu reino não é deste mundo" (João 18, 36).

---

[42] WEIL, S. *O. C.* IV, 2, Écrits de Marseille, 2009, p. 268-269.

A pergunta que, no rastro de Etienne de La Boétie, Simone Weil retomou: por que os homens permitem ser dominados, às vezes, com extrema violência, mas nem sempre ou, raramente, reagem à opressão da tirania, permanece intacta; não deixa de ser um renovado e atual convite à reflexão e ao engajamento nas lutas sociais. Com apenas 24 anos, escreveu seu arguto ensaio *Perspectivas. Iremos nós para a revolução proletária?*, cuja epígrafe extraiu de Sófocles: "Eu não tenho senão desprezo pelos mortais que se aquecem com esperanças vazias" (*Ajax*, v. 477-478); contudo, antes de sua conclusão, no penúltimo parágrafo, ela deixou escrito: "Não há dificuldade, uma vez que se decidiu agir, em manter intacta, no plano da ação, a esperança mesma que um exame crítico mostrou ser quase sem fundamento; é a própria essência da coragem"[43].

Em 1937, refletindo sobre o marxismo, no mesmo ano em que escreveu esta sua *Meditação sobre a obediência e a liberdade*, ela reconhece que, dentre todas as lutas que opõem os grupos humanos, a luta de classes é o conflito mais concreto e cujo objetivo *est le plus sérieux*! Embora seja difícil conduzir uma ação política nessa direção que não se perca em destruições inúteis e ódios implacáveis, a necessidade da luta não pode ser questionada: "A luta dos que obedecem contra aqueles que comandam, quando o modo de comando leva ao esmagamento da dignidade humana dos que estão embaixo, é o que há no mundo de mais mais legítimo, mais motivado e mais autêntico"[44].

Sobretudo a partir da conclusão do seu esboço de artigo, ao ressaltar que a luta entre opressores e oprimidos faz parte da natureza das coisas e jamais poderá ser extinta, demandando apenas aos amantes da liberdade que haja um certo controle do seu limite de violência, é possível presumir que Simone Weil visasse a uma filosofia orientada ao centro em política, não de um mero centro ideológico, mas a partir da imagem do *centro de gravidade*, inspirado tanto na matemática (localizado nas próprias figuras geométricas, por exemplo, no ponto de intersecção das três medianas de um triângulo), quanto na física, presente em todos os corpos, justo no ponto infinitamente pequeno, situando assim, seja ao centro da figura, seja da massa, o marco do equilíbrio sempre possível, em relação aos contrários, nos lados de uma figura ou nas forças opostas que atuam sobre um volume.

Todavia um suposto centro de gravidade político, o infinitamente pequeno de um meio social, poderia se encontrar em um único homem, mas não aqueles capazes de grandes ações, como Moisés ou Josué, que captaram em demasia a energia do *repugnante e grande animal* de Platão.

> O homem que tem contato com o sobrenatural é por essência rei, pois ele é a presença na sociedade, sob forma do infinitamente pequeno, de uma

[43] WEIL, S. O. C. II, 1, Écrits historiques et politiques, Paris, Gallimard, 1988, p. 280.
[44] WEIL, S. *O.C.* II, 2, Écrits historiques et politiques, Paris, Gallimard, 1991, p. 124.

> ordem transcendente ao social. Mas o lugar que ele ocupa na hierarquia social é completamente indiferente. Ele está em seu lugar centro de gravidade. Ele não pode agir ou, então, na qualidade de um infinitamente pequeno, uma ação infinitamente pequena. Somente sua presença é infinitamente, transfinitamente grande[45].

Não se trata do tema central deste artigo mas uma longa nota se faz aqui necessária para nos darmos conta de como, em seus últimos escritos, Simone Weil estava refletindo sobre essas questões[46]. E isso porque, toda a ciência política deveria ser também a busca de um centro de sustentação em que as forças contrárias, inerentes a uma formação social, pudessem vir a ser neutralizadas:

> A ordem social não pode ser senão um equilíbrio de forças. Somente o equilíbrio destrói a força, anula a força. A balança. (...). Uma sociedade tal em que a pleonexía (desejo de ultrapassar, de ter mais) seja prontamente punida de uma maneira automática. Pouco importa que haja desigualdade na sociedade, contanto que a desigualdade não possa aumentar. (...) Como não se pode esperar que um homem que não tenha a graça seja justo, é preciso uma sociedade organizada de tal de tal modo que as injustiças se punam umas às outras em uma oscilação perpétua[47].

Para finalizar, algumas observações sobre a díade política, esquerda / direita, em relação ao pensamento de Simone Weil. Se, até hoje, a esquerda francesa tem dificuldade de lidar com o seu viés místico-crístico, digere

---

[45] WEIL, S. *O. C. VI*, 3, Cahiers, 2002, p. 180.

[46] *Sobre a noção de centro de gravidade na geometria, V. O. C. VI, 1,* Cahiers, p. 387-394. Sobre a noção de centro de gravidade na física, associada à hipótese de intervenção do divino no mundo: "A parte do sobrenatural aqui embaixo é secreta, silenciosa, quase invisível, infinitamente pequena. Mas ela é decisiva. Perséfone não acreditava mudar seu destino comendo um único grão de romã. E desde aquele instante, para sempre, o outro mundo foi sua pátria e seu reino. Essa operação decisiva do infinitamente pequeno, é um paradoxo que a inteligência humana mal reconhece. Por esse paradoxo se realiza a sábia persuasão da qual fala Platão, persuasão por meio da qual a providência divina leva a necessidade a orientar a maior parte das coisas para o bem. A natureza, que é um espelho de realidades divinas, apresenta por todo lado, uma imagem desse paradoxo. Assim, as bactérias, os catalisadores. Com relação a um corpo sólido, um ponto é um infinitamente pequeno. No entanto, em cada corpo, há um ponto que prevalece sobre a massa inteira pois se ele for apoiado o corpo não cai. Esse ponto é o centro de gravidade. Mas um ponto de apoio não impede uma massa de cair senão se ela estiver disposta simetricamente em torno dele, ou se a assimetria comportar certas proporções. O fermento somente aumenta a massa se lhe está misturado. O catalisador não opera senão ao contato dos elementos da reação. Do mesmo modo existe condições materiais para a operação sobrenatural do divino presente aqui embaixo sob a forma do infinitamente pequeno. (O. C. V, 1, Écrits de New York et de Londres, 2019, p. 608). Trecho similar pode-se encontrar em O. C. V, 2, *L'enracinement,* ed. cit., p. 356-357: "Um infinitamente pequeno, sob certas condições, opera de uma maneira decisiva. Não há massa tão pesada que um ponto não lhe seja igual; pois uma massa não cai se se um único ponto a sustém, sob a condição que esse ponto seja o centro de gravidade. (...) Assim, não é somente a matemática, é a ciência inteira que, sem que nós cogitemos observar, é um espelho simbólico das verdades sobrenaturais."

[47] WEIL. S. *O. C.*, III, 3, Cahiers, 2002, p. 184.

mal as suas críticas a Marx e sobretudo aos marxistas, registradas em *Opressão e Liberdade*, a direita do seu próprio país nunca conseguiu, por assim dizer, "recuperá-la". Não se deve esquecer de seu apreço por Marx pois, malgrado todo e qualquer equívoco, ela o associava a Galileu por ter trazido a noção de *força* do mundo natural, introduzindo-a nas ciências humanas para pensar as relações de dominação centrais às formações sociais. Sua crítica mais aguda sempre foi dirigida aos marxistas. Sobre Marx, no ano de sua morte, ela ainda escreveu:

> Há na sua obra fragmentos compactos, inalteráveis da verdade, que naturalmente têm o seu lugar em qualquer doutrina verdadeira. Assim, não são apenas compatíveis com o cristianismo, mas infinitamente valiosos para ele. Devem ser retomados de Marx. Tudo isso é ainda mais fácil porque o que agora se chama marxismo, ou seja, a corrente de pensamento que se reclama de Marx, não faz deles nenhum uso[48].

Além disso, Simone Weil tinha lado e a França sempre soube de qual lado ela estava: assim como as suas críticas ao judaísmo, nunca a afastaram da Resistência mais corajosa ao nazismo, as suas críticas ao socialismo histórico nunca a afastaram da atenção política primeira aos oprimidos pelo regime capitalista. Esperamos que, no Brasil, entre a esquerda que se propõe progressista e a direita que se proclama conservadora ou guardiã dos valores tradicionais cristãos, seu pensamento seja acolhido em toda a sua riqueza e complexidade. Preocupa-nos, por exemplo, que um artigo como a "Nota sobre a destruição dos partidos políticos", tenha sido publicado entre nós sem um mínimo cuidado editorial de situar esse escrito historicamente – quando escreveu essa provocativa proposição, Simone Weil, tinha diante de si a realidade de dois grandes partidos únicos e totalitários, o nazista na Alemanha e o comunista na Rússia. Ela nunca abriu mão dos ideais de 1789, nem os concebeu separados: liberdade, igualdade e fraternidade permaneceu a tríade que inspirou todo o seu pensamento político. Provavelmente, ela teria muitas críticas a fazer aos governos populares eleitos que se instalaram na América Latinas, nas últimas décadas, mas, certamente, teria muito, muito mais críticas, não só aos governos que os substituíram mas sobretudo ao modo como essa substituição aconteceu, a partir das chamadas *guerras híbridas* e de tramas locais ilegítimas, com um verniz mais ou menos fosco e tosco de legalidade, tal como foi o caso de Honduras, do Paraguai, do Equador, do Brasil e, mais recentemente, da Bolívia. Nesses governos de caráter popular, por mais duras que fossem as suas críticas, ela teria certamente valorizado a gestação dos programas sociais que tentaram e, até certo ponto, conseguiram minimizar o escândalo histórico de nossas resistentes e seculares desigualdades sociais[49].

---

[48] WEIL, S. Écrits historiques et politiques, in: *O.C.* II, 2, 1991, p. 307.

[49] E a luta contra a desigualdade nas formações sociais, desde o século XIX, vale lembrar, sempre foi prioritária para o ideário político da esquerda!

Tradução:

Simone WEIL: Meditação sobre a obediência e a liberdade (1937) [50]

A submissão do maior número ao menor, esse fato fundamental de quase toda organização social, não deixa de assombrar todos os que refletem um pouco. Na natureza, observamos os pesos mais pesados prevalecerem sobre os menos pesados, as raças mais prolíficas sobrepujarem as outras. Entre os homens, essas relações tão claras parecem invertidas. Decerto, sabemos por uma experiência cotidiana que o homem não é um simples fragmento da natureza e o que nele existe de mais elevado – a vontade, a inteligência, a fé – produz todos os dias espécies de milagre. Mas não é disso que se trata aqui. A necessidade impiedosa que manteve e mantém de joelhos massas de escravos, massas de pobres, massas de subordinados, nada tem de espiritual; ela é análoga a tudo o que existe de brutal na natureza. Como se, na balança social, o grama excedesse o quilo.

Há quase quatro séculos, La Boétie, no seu *Contra-um*, colocava a questão[51]. Ele não a respondeu. Sobre quantas ilustrações comoventes poderíamos apoiar seu pequeno livro, nós, que vemos em um país que cobre a sexta parte do globo, um único homem sangrar toda uma geração[52]. É quando inflige a morte, que o milagre da obediência salta aos olhos. Que muitos homens se submetam a um só por medo de serem mortos por ele, é bastante espantoso; mas que eles permaneçam submissos a ponto de morrer sob suas ordens, como compreendê-lo? Quando a obediência acarreta tantos riscos quanto a rebelião, como ela se mantém?

O conhecimento do mundo material no qual vivemos pôde se desenvolver a partir do momento em que Florença, depois de tantas maravilhas, trouxe à humanidade por intermédio de Galileu a noção de força. Foi

---

[50] WEIL, S. Écrits historiques et politiques, in: *O. C.* II, 2, Paris: Gallimard, 1991, p. 128-133**.** Tanto para essa tradução quanto para a Introdução acima contei com valiosas sugestões de Leonardo Weber Castor de Lima cujas observações perspicazes serão posteriormente retomadas e desenvolvidas.

[51] Étienne de la Boétie (1530-1563), escritor francês; em seu *Contra-um* ou *Discurso da servidão voluntária*, refletiu sobre o domínio de todo um povo por um tirano. Note-se o paradoxo do título: a servidão, embora não natural, ou seja, histórica e contingente, é qualificada como um ato da vontade de um povo que se apequena, mantendo-se *de joelhos* diante de seu cruel dominador. Avesso à equidade, incapaz de nutrir todo sentimento real de afeição (amor ou amizade), por sua crueldade, injustiça ou posição de superioridade frente a seus subordinados, o tirano empobrece a si mesmo e poderia ter a seu lado apenas cúmplices, muito dificilmente amigos. Em sua breve vida, la Boétie foi o grande amigo de Montaigne (1533-1592) o qual resumiu o sentimento excepcional que os unira apenas com esta frase lapidar: *porque era ele, porque era eu – Ensaios,* De l'amitié, livro I, capítulo XXVIII. O texto de la Boétie foi publicado no Brasil, em edição bilíngue pela Brasiliense, em 1987.

[52] A autora se refere a J. Stálin.

somente então, que a organização do meio material pela indústria pôde ser empreendida. E nós que pretendemos organizar o meio social, dele não possuiremos sequer o conhecimento mais grosseiro enquanto não tivermos concebido claramente a noção de força social[53]. A sociedade não pode ter seus engenheiros enquanto não tiver seu Galileu. Existe neste momento, sobre toda face da terra, um espírito que conceba, mesmo vagamente, como é possível que um homem no Kremlin tenha a possibilidade de fazer rolar qualquer cabeça nos limites das fronteiras russas?

Os marxistas não facilitaram uma visão clara do problema ao escolher a economia como chave do enigma social. Se se considera uma sociedade como um ser coletivo, então esse grande animal[54], como todos os animais, define-se principalmente pelo modo como se assegura a nutrição, o sono, a proteção contra as intempéries, em resumo, a vida. Mas a sociedade considerada em sua relação com o indivíduo não pode se definir simplesmente pelas modalidades da produção. Por mais que se recorra a toda espécie de sutilezas para fazer da guerra um fenômeno essencialmente econômico, salta aos olhos que a guerra é destruição e não produção. A obediência e o comando são também fenômenos dos quais as condições de produção não são suficientes para dar conta. Quando um velho operário sem trabalho e sem assistência perece silenciosamente na rua ou em um casebre, essa submissão que se estende até a morte não pode ser explicada pelo jogo das necessidades vitais. A destruição massiva do trigo, do café, durante a crise é um exemplo não menos claro. A noção de força, e não a noção de necessidade (*besoin*[55]), constitui a chave que permite ler os fenômenos sociais[56].

Galileu não teve de se louvar, pessoalmente, por ter decifrado a natureza com tanto gênio e probidade; pelo menos ele se chocava apenas com um punhado de homens, poderosos especialistas na interpretação das Escrituras. O estudo do mecanismo social é entravado por paixões que se encontram em todos e em cada um. Não existe quase ninguém que não queira seja subverter, seja conservar as relações atuais de comando e de submissão. Um desejo e o outro colocam uma névoa diante do olhar do espírito, e impedem de perceber as lições da história que mostram por todo lado as massas sob o jugo e alguns erguendo o açoite.

---

[53] É também a partir da noção de força que a autora analisa a poesia de Homero. Cf. A Ilíada ou o poema da força, in: WEIL, S. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Organização e introdução de Eclea Bosi. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

[54] *Grande animal* é a expressão de que se vale Platão n' *A República* (livro VI, 493 a-c) para denominar a formação social. Lembremos também que, no século XVII, T. Hobbes intitulará com o nome do monstro bíblico, *Leviatã,* seu principal tratado político.

[55] No sentido de carência, de precisão, não de *necessidade (nécessité)* que abordamos na Introdução.

[56] A autora se refere à depressão econômica que, nos anos 30, no século passado, ocasionou a destruição de gêneros indispensáveis à subsistência, tais como o algodão e o trigo, nos EUA; o café no Brasil e o açúcar em Cuba.

Uns, do lado que faz apelo às massas, querem mostrar que essa situação é não somente iníqua, mas também impossível, ao menos para um futuro próximo ou longínquo. Os outros, do lado que deseja conservar a ordem e os privilégios, querem mostrar que o jugo pesa pouco, ou que ele é mesmo consentido. Dos dois lados, lança-se um véu sobre o absurdo radical do mecanismo social, em vez de enxergar de frente esse absurdo aparente e analisá-lo para encontrar nele o segredo da máquina. Em qualquer domínio que seja, não existe outro método para refletir. O espanto é o pai da sabedoria, dizia Platão.

Visto que o grande número obedece, e obedece até deixar-se impor o sofrimento e a morte, enquanto o pequeno número comanda, não é verdade que a maioria seja uma força. O número, apesar do que a imaginação nos leva a crer, é uma fraqueza. A fraqueza está do lado onde se tem fome, onde se está esgotado, onde se suplica, onde se treme, não do lado onde se vive bem, onde se concedem favores, onde se ameaça. O povo não está submisso apesar de ser a maioria, mas porque é a maioria. Se na rua um homem se bate contra vinte, sem dúvida, ele será deixado como morto sobre a calçada. Porém, sob um sinal de um homem branco, vinte *coolies* anamitas[57] podem ser espancados com golpes de chicote, um depois do outro, por um ou dois chefes de equipe.

A contradição, talvez, seja somente aparente. Sem dúvida, em qualquer ocasião, aqueles que ordenam são menos numerosos do que aqueles que obedecem. Mas precisamente porque são pouco numerosos eles formam um conjunto. Os outros, precisamente porque são muito numerosos, são um, mais um, mais um, e assim por diante. Assim a potência de uma ínfima minoria repousa apesar de tudo sobre a força do número. Essa minoria prevalece muito em número sobre cada um daqueles que compõem o rebanho da maioria. Não se deve concluir que a organização das massas inverteria a relação, pois ela é impossível. Não se pode estabelecer a coesão senão entre uma pequena quantidade de homens. Para além disso, não há mais que justaposição de indivíduos, quer dizer, fraqueza.

Há, entretanto, momentos em que não é bem assim. A certos momentos da história, um grande alento passa sobre as massas; suas respirações, suas palavras, seus movimentos se confundem. Nada, então, lhes resiste. Os poderosos conhecem enfim, por sua vez, o que é sentir-se só e desarmado. Tácito, em algumas páginas imortais que descrevem uma sedição militar, soube perfeitamente analisar o caso. "O principal signo de um movimento profundo, impossível a apaziguar, é que eles não estavam disseminados ou manobrados por alguns, mas juntos pegavam fogo, juntos se calavam, com tal unanimidade e tal firmeza que se acreditaria que agiam sob co-

[57] Em inglês, no original; trabalhadores ou camponeses da costa leste da Indochina, região do Vietnã atual.

mando". Nós assistimos a um milagre desse gênero em junho de 1936 e a impressão ainda não se apagou[58].

Momentos como esses não duram, se bem que os desgraçados[59] desejem ardentemente vê-los durar para sempre. Eles não podem durar porque essa unanimidade, que se produz no fogo de uma emoção viva e geral, não é compatível com nenhuma ação metódica. Ela sempre tem por efeito suspender toda ação e frear o curso cotidiano da vida. Esse tempo de parada não pode se prolongar; o curso da vida cotidiana deve ser retomado e as tarefas de cada dia realizadas. A massa se dissolve de novo em indivíduos, as lembranças de sua vitória se esfumam; a situação primitiva ou uma situação equivalente restabelece-se pouco a pouco; posto que no intervalo os chefes tenham mudado, são sempre os mesmos que obedecem.

Os poderosos não têm interesse mais vital senão impedir essa cristalização das massas submissas ou, ao menos, como eles não podem sempre impedi-la, torná-la o mais rara possível. Que uma mesma emoção agite, ao mesmo tempo, uma grande quantidade de desgraçados é o que acontece com frequência pelo curso natural das coisas; mas habitualmente essa emoção apenas despertada é reprimida pelo sentimento de uma irremediável impotência. Manter esse sentimento de impotência, é o primeiro artigo de uma política hábil por parte dos senhores.

O espírito humano é incrivelmente flexível, prestes a imitar, prestes a se curvar sob as circunstâncias exteriores. Aquele que obedece, aquele cuja palavra de outrem determina os movimentos, as penas, os prazeres, sente-se inferior, não por acidente, mas por natureza. No outro extremo da escala, sente-se do mesmo modo superior e essas duas ilusões se reforçam uma à outra. É impossível ao espírito mais heroicamente firme guardar consciência de um valor interior, quando essa consciência não se apoia em nada de exterior. O próprio Cristo, quando se viu abandonado por todos, ultrajado, desprezado, sua vida valendo nada, perdeu por um momento o sentimento de sua missão; o que pode querer dizer de diferente o grito: *Meu Deus, por que me abandonaste*? Aos que obedecem

---

[58] S. Weil evoca o *Front Populaire,* as greves entre maio-junho de 1936 e o governo socialista, cujo conselho, presidido por Léon Blum, entre 04/06/36 até 21/06/37, contou com o apoio dos três principais partidos de esquerda da França: a SFIO, seção francesa da Internacional operária, que deu origem ao atual PS, o PCF, Partido Comunista, e o Partido Radical Socialista, além de sindicatos, combatentes e intelectuais ligados às forças populares. Foi o primeiro governo francês que teve a participação de mulheres, três ao todo, no secretariado de Estado. Simone Weil celebrou a vitória eleitoral da esquerda e os breves tempos de alegria que conferiram dignidade ao proletariado. Em 7 de junho de 1936, duas leis votadas pelo parlamento instituíram as primeiras licenças de trabalho remuneradas e a semana de trabalho foi reduzida de 48 para 40 horas.

[59] No original: *malheureux.*

parece que alguma inferioridade misteriosa os predestinou a obedecer por toda a eternidade; e cada marca de desprezo, mesmo ínfima, que eles sofrem da parte de seus superiores ou dos seus iguais, cada ordem que eles recebem, sobretudo cada submissão que eles próprios cumprem, confirma-os nesse sentimento[60].

Tudo o que contribui para dar àqueles que estão embaixo na escala social o sentimento de que eles têm um valor é, em certa medida, subversivo. O mito da Rússia soviética é subversivo pelo quanto ele pode dar ao trabalhador de fábrica demitido por seu contramestre o sentimento de que, apesar de tudo, ele tem por trás de si o exército vermelho e Magnitogorsk[61] e, assim, permite-lhe conservar seu amor-próprio. O mito da revolução historicamente inelutável desempenha o mesmo papel, se bem que mais abstrato; já é alguma coisa quando se é miserável que se tenha a história a seu favor. O cristianismo, em seu início, era também perigoso para a ordem. Não inspirava nos pobres a cobiça dos bens e do poder, muito ao contrário; mas dava-lhes o sentimento de um valor interior que os situava sobre o mesmo plano ou mais alto que os ricos, e era o bastante para colocar a hierarquia social em perigo. Bem depressa ele se corrigiu, aprendeu a colocar entre os casamentos, os enterros dos ricos e dos pobres, a diferença que convém e a relegar os últimos lugares das igrejas aos desgraçados.

A força social não se sustenta sem mentira. Tudo o que existe de mais elevado na vida humana, todo esforço de pensamento, todo esforço de amor também é corrosivo para a ordem. O pensamento pode, a justo título, tanto ser desacreditado como revolucionário, de um lado, como contrarrevolucionário, de outro. Porquanto ele constrói sem cessar uma escala de valores "que não é deste mundo", é inimigo das forças que dominam a sociedade. Porém, ele não é mais favorável aos propósitos que tendem a subverter ou a transformar a sociedade e que, antes mesmo de ter tido sucesso, devem necessariamente implicar, para aqueles que se voltam à submissão do grande número ao pequeno, o desdém dos privilegiados pelas massas anônimas e a manipulação da mentira. O gênio, o amor, a santidade merecem plenamente o reproche que muitas vezes lhes é feito de tender a destruir o que existe sem nada construir em seu lugar. Quanto àqueles que querem pensar, amar e transpor em toda pureza, na ação política, o que lhes inspira seu espírito e seu coração, eles não podem senão perecer

[60] Essas amargas observações concernem ao que a própria Simone Weil não somente observou de muito perto, mas viveu como operária metalúrgica, entre 1934-1935, nas fábricas Alsthom e Renault.

[61] Cidade da Rússia, na região dos montes Urais, fundada em 1929, onde Stálin mandou construir uma grande fábrica siderúrgica que, por vários anos, foi a maior do mundo. Ali, durante a Segunda Guerra mundial, empreendeu-se uma intensa produção de tanques de guerra, obuses e balas.

decapitados, abandonados pelos seus, difamados pela história depois de sua morte, como ocorreu com os Gracos[62].

De uma tal situação resulta, para todo homem aficionado ao bem público, um dilaceramento cruel e sem remédio. Participar, mesmo de longe, do jogo das forças que movem a história quase nunca é possível sem se sujar ou sem se condenar de antemão à derrota. Refugiar-se na indiferença ou numa torre de marfim é também raramente possível sem muita inconsciência. A fórmula do "mal menor", tão desacreditada pelo uso que dela fizeram os socialdemocratas, permanece, então, a única aplicável, com a condição de aplicá-la com a mais fria lucidez[63].

A ordem social, embora necessária, é essencialmente má, qualquer que seja. Não se pode reprovar àqueles que ela esmaga de sabotarem-na tanto quanto possam; quando se resignam, não é por virtude, ao contrário, é pelo efeito da humilhação que neles apaga as virtudes viris. Não se pode tampouco reprovar aqueles que a organizam por defenderem-na, nem representá-los como formando uma conjuração contra o bem geral. As lutas entre os concidadãos não surgem de uma falta de compreensão ou de boa-vontade; elas pertencem à natureza das coisas e não podem ser apaziguadas, mas somente sufocadas pela coerção. Para quem quer que ame a liberdade, não é desejável que elas desapareçam, mas somente que permaneçam aquém de um certo limite de violência.

---

[62] Tibério e Caio Graco, tribunos romanos das últimas décadas do séc. II a.C, que tentaram reformar as estruturas sociais e políticas de Roma e foram assassinados por seus opositores. Plutarco dedicou-lhes um capítulo nas Vidas Paralelas.

[63] Em agosto de 1932, Simone Weil viajou a Berlim para conferir de perto a situação na Alemanha onde constatou o impasse do movimento revolucionário, espremido, de um lado, por uma socialdemocracia reformista, cujos líderes, bastante próximos dos governantes da República de Weimar, eram por demais estranhos ao proletariado ativo na produção industrial; do outro, por um partido comunista fragilizado, agrupando desempregados e elegendo os socialdemocratas como seus principais adversários. Ambos deixavam o campo aberto para o avanço de Hitler e do nacional-socialismo. Ela notou a subordinação, seja da social democracia à burguesia gestora do Estado capitalista, seja da Internacional comunista ou *Komintern,* à burocracia gestora do Estado soviético. Suas impressões de viagem foram registradas em alguns artigos escritos entre 1932 e 1933. Cf. Écrits historiques et politiques, in*: O. C.* 2, 1, Paris, Gallimard, 1988, p. 116-212.

Referências

LAFORGUE, Laurent. *Simone Weil et la mathématique*. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2009.

PERRILLIÉ, Jean-Luc. Simone Weil. Dieu dans la contemplation de la contradiction, in: *Die Tradition der negativen Theologie in der deutschen und französischen Philosophie*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2018.

WEIL, Simone. *Oeuvres Complètes* II, 2: *Écrits historiques et politiques. Paris: Gallimard,* 1991.

WEIL, Simone. *Oeuvres Complètes* IV, 2: *Écrits de Marseille*. Paris: Gallimard, 2009.

WEIL, Simone. *Oeuvres Complètes* V, 2: L'Enracinement. Paris: Gallimard, 2013.

WEIL, Simone. *Oeuvres Complètes* VI, 1, 3, 4: Cahiers. Paris: Gallimard, 1994; 2002; 2006.

Maria Emilia de Morais
Av. Beira Rio, 55, Ap. 1001
Madalena
50610-100 Recife – PE
sukuka@gmail.com